

Crônicas autoficcionais e rastros de memória: a infância em O Pastel Voador (2009)

Kelley Baptista Duarte⁷¹

Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Recebido em: 01/04/2017

Publicado em: 01/08/2017

Resumo

Este trabalho pretende apresentar os rastros da memória da infância e as marcas de uma produção autoficcional na obra de Luiz Augusto Andreoli de Moraes, escritor e professor da Universidade Federal do Rio Grande- FURG. A referência do *corpus* ficcional é *O pastel voador* (2009), livro composto de crônicas escritas pelo autor. A leitura crítica dessa obra permitirá abordar as teorias da autoficção e mostrar que esta tendência contemporânea da escrita do eu está muito além de ser uma evolução do clássico modelo autobiográfico. Trata-se de um novo gênero literário que permite levar ao leitor narrativas memoriais fragmentadas, todas em um estilo diferente da prosa – forma textual que Philippe Lejeune considera ser a única capaz de dar conta de uma narrativa em retrospectiva. A autoficção é uma tentativa de escrita do eu e do outro, pois recompõe fragmentos de histórias do “eu” que se escreve juntamente com histórias alheias, sejam elas de familiares ou de desconhecidos. A metodologia aplicada foi a pesquisa bibliográfica e a leitura crítica de obras, selecionadas à luz das teorias da autoficção e dos vestígios de memória.

Palavras-chave

Infância. Crônicas. Autoficção.

⁷¹ Instituto de Letras e Artes Área: Literatura.

Introdução

Nas considerações da evolução e das diferentes formas autobiográficas na pós-modernidade, este artigo apresenta as possibilidades de expressão do eu, circunscritas, no teor dessa reflexão, ao gênero autoficcional. Trata-se de abordar essa categórica da escrita íntima, já apontada como subalterna ao clássico modelo de Philippe Lejeune (1996), diretamente relacionada às narrativas de escritores não canônicos e a um novo espaço narrativo – considerado “menor” na categoria de gêneros para a inscrição memorial: a crônica.

Partindo dessa perspectiva, damos destaque à produção literária do escritor, cronista, desenhista e professor universitário Luiz Augusto Andreoli de Moraes, especificamente de sua coletânea de crônicas *O pastel Voador* (2009), da qual foram destacados, em leitura crítica, múltiplos aspectos que recompõem a memória da infância.

Luiz A. Andreoli de Moraes é natural de Porto Alegre. Residiu na cidade de Rio Grande até seu falecimento, em 14 de outubro de 2015. Foi docente do Instituto de Matemática Estatística e Física IMEF da FURG por mais de 30 anos. Em 2013, o reconhecimento de seu trabalho literário foi corroborado com o convite para ser Patrono da 40ª feira do Livro da FURG. Foi músico integrante do Coral da FURG, da Banda Rossini e também colaborou nos jornais locais da cidade, com a publicação de crônicas periódicas e semanais nos jornais Cassino e Jornal AGORA, ambos do município. Para complementar seu trabalho criativo, Andreoli de Moraes sempre ilustrava suas crônicas – jornalísticas e aquelas de seus livros – com desenhos de sua autoria. Todos para dar mais vida ao registro das aventuras narradas em texto.

Segundo relato informal do autor, o gosto pela leitura e escrita ocorreu na infância. Além de *O pastel Voador*, Andreoli de Moraes possui outras obras igualmente tratadas pela perspectiva autoficcional, por registrarem relatos pessoais e familiares da infância no texto de ficção.

Andreoli traz, com frequência, certo lirismo na escrita de suas crônicas. Carregadas de um olhar único pela expressão nostálgica do adulto voltado ao tempo de sua própria infância, suas crônicas são construídas a partir de acontecimentos importantes ou simplesmente banais do cotidiano, porém todos ainda recordados com detalhes na escrita ficcional. Com seus textos, o leitor acaba absorvendo as impressões de um tempo passado em contraste com a hipermodernidade do tempo presente. É o que tentaremos mostrar ao longo dessa leitura crítica.

O pastel voador (2009): autoficção e rastros de memória

Trata-se da primeira coletânea de crônicas publicadas pelo autor; obra eleita como ponto de partida de um estudo maior que objetiva promover a atuação desse professor universitário da Matemática na escrita literária⁷². A leitura que fazemos de sua obra é sob a perspectiva da autoficção. A justificativa está no fato de serem suas crônicas essencialmente marcadas pela narrativa memorial – individual e familiar –, escrita predominantemente em primeira pessoa e protagonizada, em sua maioria, pela homonímia escritor, narrador e personagem.

Através de suas reflexões escritas, o autor transita em diversos lugares do cotidiano, deixando transparecer a nostalgia dos acontecimentos de sua infância. É a autoficção⁷³, enquanto gênero híbrido, que permite a ficcionalização da escrita de acontecimentos reais da vida do sujeito, que nos possibilita ler suas crônicas. Isso porque:

No que tange à palavra "ficcionalização", é relevante dizer que mesmo sem haver fidelidade com a realidade do que se conta no contexto da autoficção, há, no entanto, comprometimento em relatar o ocorrido. Não se deve ignorar que o autor é sempre o intermediador da narração de suas experiências. Igualmente na autobiografia, ele é quem vai selecionar os fatos a serem narrados, dando ênfase a acontecimentos que considera relevantes, deixando de lado outros que, para ele, devem ser ocultados. Portanto, pode não haver ficção total de propósitos da vida, mas sem dúvida, manipulação de fatos ocorridos. (DUARTE, 2010, p.72).

Serge Doubrovsky, no uso da palavra “autoficção”, compôs a terminologia “auto + ficção” para nomear seu romance intitulado *Fils*. Conforme a explicação dada pelo autor, observamos que essa seria a forma mais simples de definir uma produção que, embora se identifique com alguns dos pressupostos do clássico modelo lejeuneano, não tem a pretensão de reivindicar o status de autobiografia. É o que podemos apreender quando lemos: “Autobiografia? Não, esse é um privilégio reservado aos importantes desse mundo, no final de suas vidas e em um belo estilo. Ficção de acontecimentos e de fatos estritamente reais; se preferirem, autoficções (...).”⁷⁴ (1977, Contracapa)

O próprio título escolhido para o romance já é um exemplo da ambiguidade que esse novo termo literário, inventado pelo autor, apresenta. Isso porque, em francês, o

⁷² As obras de Luiz Andreoli de Moraes estão sendo estudadas no âmbito da pesquisa científica, no projeto intitulado “AUTOFICÇÃO: recorrência e aplicação do gênero em narrativas ficcionais brasileiras”, submetido aos editais internos e aprovado pelo comitê de extensão (EPEM/FURG - 2014).

⁷³ Consideramos a autoficção na perspectiva abordada pela pesquisadora Kelley B. Duarte, ou seja, um gênero independente da autobiografia, sendo ele representativo da mobilidade cultural nas Américas.

⁷⁴ Tradução livre do original: “Autobiographie? Non, c’est un privilège réservé aux importants de ce monde, au soir de leur vie et dans un beau style. Fiction d’événements et de faits strictement réels; si l’on veut, autofictions (...)”.

substantivo “fils” pode ser traduzido como “filho”, reforçando o caráter subjetivo da escrita do “eu”, ou “fios”, representando a tessitura da memória nos enredos tramados por sua recomposição na escrita. O aspecto que consideramos mais importante, deixado pela problemática lançada por S. Doubrovsky na criação desse termo, em 1977, é a noção de sujeito, na instância do vivido, e a noção de criação, na instância desse mesmo sujeito representado no texto. Uma vez tais noções consideradas, tornam-se menos relevantes os espaços elegidos para o registro literário do “eu” – prosa ou verso, no formato crônica, conto, poesia, teoria ou romance. Da mesma forma, esse sujeito autoficcional, que se inscreve literariamente e elege seu espaço de criação do “eu”, terá a mesma autonomia ou liberdade para selecionar os fragmentos a serem narrados, respeitando as lacunas da memória e sem a pretensão de seguir a linearidade dos fatos vividos.

Para Leonor Arfuch (2010), a escrita de si está, hoje, longe de ser uma exibição narcísica da intimidade, posto que essa escrita literária é composta por outras vozes, além daquela da personagem e do narrador, no espaço biográfico⁷⁵. Trata-se da articulação entre relatos de experiências cotidianas, memórias compartilhadas, etc. Para ela, vivemos na era da pós-modernidade, em subjetividades transbordadas na escrita e que se transformam em novos textos, tais como a autoficção.

Nessa perspectiva de recomposição de um passado através da multiplicidade de vozes e memórias compartilhadas, julgamos pertinente considerar a interpretação de rastros proposta por Zilá Bernd (2013) que, por sua vez, define o termo como sendo a presença de uma ausência. Os rastros, relacionados às crônicas de Luiz Augusto Andreoli de Moraes, exercem um papel importante na reconstrução fragmentada de seu passado. Isso se justifica pelo fato de a memória do tempo da infância ser a reminiscência mais imprecisa, essencialmente fragmentada ou quase ausente. Talvez seja ela a única que dependa de intervenções alheias para que seja lembrada, recomposta e presentificada no texto.

Andreoli de Moraes, para a recomposição dos rastros de memória⁷⁶ da infância, elege a crônica como seu lugar de enunciação. Ao longo da leitura de sua coletânea, o leitor

⁷⁵ Leonor Arfuch formula o termo “espaço biográfico” para caracterizar a articulação entre esses diversos gêneros discursivos contemporâneos ligados aos relatos de experiências pessoais e à exposição pública da intimidade.

⁷⁶ O termo “memória” apresenta como definição dicionarizada: 1. Faculdade de reter as ideias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente; 2. Lembrança, reminiscência, recordação (HOLANDA, 2009, p. 910). Enquanto a primeira definição remete à ideia de ser a memória uma instância compartimentada, que permite guardar diversos tipos de experiências vividas anteriormente, a segunda se refere à recuperação do conteúdo retido por ela. ou seja, atos de lembrança, reminiscência e recordação, que designam a ação de recuperar um determinado conteúdo, como resultado da ação mnemônica.

observa que o escritor encontra nessa escrita fragmentada em textos curtos o espaço para resgatar parte de vida em retrospectiva.

Por se tratarem de crônicas, o autor produz textos que são de fácil leitura e clareza. Embora estejam vinculados a situações cotidianas de senso comum, são narrativas carregadas da subjetividade do escritor. Percebemos logo que o episódio ou tema do “tempo presente” da crônica é apenas um fio condutor para o regresso nostálgico ao “tempo passado”. Nesse fluxo de escrita, o narrador/autor escapa de seu presente e desencadeia um relato de comparações entre esses dois tempos, destacando lembranças e experiências de vida, em sua maioria, ambientadas na infância com os pais, seus familiares e a vizinhança.

Para elucidar tal afirmação, destacamos um trecho da crônica “Num verão”:

[...] Meu tio e sua fantástica trupe iniciavam sua turnê em Gravataí, num local afastado da cidade, e vinham até Tarumã, cruzando apenas por estradinhas de chão, já que naquela época o asfalto era coisa rara. Desde cedo ou na véspera, minha mãe ficava falando que estava sentindo saudades das gurias, que andava pensando nelas. As gurias eram suas irmãs, fornidas senhoras, provedoras de extensas proles que moravam nos seus casamentos em terrenos colados – os fundos de um davam para os fundos de outro – e de modo geral usavam vestidos estampados, com os gordos braços a mostra. (LAAM⁷⁷, 2010, p. 84).

As crônicas autoficcionais e os rastros da infância

A palavra crônica⁷⁸ é derivada da palavra grega *chronos*, conhecida na mitologia clássica pelo deus Cronos, cujo significado é tempo. A crônica pertence a um gênero específico de textos que registram fatos do cotidiano, mesmo que para isso seja necessário buscar referências no passado. Seja qual for o enfoque, a crônica está sempre ligada à ideia do termo que a deriva: o tempo. Assim, mesmo que ela seja um registro que remete ao passado para justificar o flagrante do presente, a crônica é sempre um resgate temporal.

Para Antônio Candido (1992), a crônica é considerada um gênero menor. Por meio dos assuntos da crônica, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade, Candido considera esse modelo de narrativa ajustado à sensibilidade de todo o dia, principalmente porque elabora uma linguagem muito próxima “jeito de ser” mais natural.

⁷⁷ Para as referências da obra *O pastel voador*, preferimos a abreviação LAAM, a mesma utilizada por Luiz Augusto Andreoli de Moraes na assinatura de suas crônicas e também os desenhos que criava para ilustrá-las.

⁷⁸ Podemos ler na entrada dicionarizada do termo: 1. Narração histórica, ou registro de fatos comuns, feitos por ordem cronológica. 2. Pequeno conto de enredo indeterminado. 3. Texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, e que tem como temas fatos ou ideias da atualidade, de teor artístico, político, esportivo, etc., ou simplesmente relativos à vida cotidiana. (AURÉLIO, 2010).

Diferente de uma proposta autobiográfica – que privilegia a escrita em prosa, recompondo as diferentes fases da vida –, a crônica autoficcional de Andreoli de Moraes trata com atenção e individualidade a lembrança de momentos que surgem espontaneamente da memória individual ou compartilhada. Da mesma forma, a autoficção permite registrar no texto literário fragmentos aleatórios de um passado que se recompõe em um texto declaradamente ficcional, sem o compromisso de “dizer a verdade” – próprio da autobiografia.

Na crônica “Estratégica retirada”, o autor-narrador deixa claras as possíveis falhas de memória, pelo distanciamento temporal entre acontecimento da infância e presente da escrita, sem se preocupar em preencher essa lacuna com os recursos da ficção:

[...] No dia marcado para a estratégica retirada, meu irmão – meu carinhoso protetor – foi até a Praça da Alfândega e contratou um carro de praça. Quase lembrei do nome do motorista, mas me escapuliu pelas frestas da memória – talvez eu pegue ali adiante. Lembro que o carro era daqueles pretões enormes, arredondados, como se vê nos filmes de gângster” (LAAM, 2009, p.15).

Sendo assim, a crônica se torna o espaço textual ideal para os rastros deixados pelo tempo. Lembranças específicas da vida do autor, rememoradas em contraste com o tempo presente da crônica, são registradas em curtas narrativas, sem passar pela estrutura linear e cronológica da autobiografia. Em “O rio que corre sempre”, o leitor se depara com a demarcação dos dois tempos dessa narrativa, sendo o elemento do presente, o relógio, desencadeador da memória do passado:

Na minha casa tem dois relógios grandes – destes baratinhos que a gente compra em um monte de lugar e até têm cara de serem mais caros – que marcam, com seu solene compasso, o andar do tempo [...]. Assim, meus relógios não só medem o tempo, como também, de certa forma, abrem espaço para o infinito. O que é isso? O autor ficou maluco? Talvez. Mas não vou dar importância a esses comentários. Vou continuar: Na casa de meus pais tinha um relógio com a caixa de madeira, que ficava sobre a cristaleira [...]. Muito raro era que eu perdesse o sono ou mesmo acordasse no meio da noite, mas até acontecia, e então, com os olhos abertos na pouca luminosidade do quarto, que vinha do poste da outra calçada, ouvia o relógio tocando. (LAAM, 2009, p.153).

Em geral, e de forma tradicional, a crônica não tem a pretensão de durar, pois logo no dia seguinte torna-se defasada de informação, tal como a leitura do jornal que a recebe⁷⁹. Por tais características, essa modalidade de escrita não costuma abrigar escritores que pretendam permanecer na lembrança e na admiração da posteridade. No entanto, Andreoli de Moraes subverte esse perfil quando consegue transformar sua crônica em literatura de

⁷⁹ Sabemos que há outros espaços para a publicação de crônicas. No entanto, damos destaque ao jornal por ter sido esse o espaço de publicação dos textos de Andreoli de Moraes.

circulação perene. Ele mantém a originalidade do gênero habitual de escrita e transpõe a curta duração desse texto jornalístico quando o reúne em formato de livro; um livro de crônicas que tem uma durabilidade maior do que a natureza do próprio gênero.

Na análise das crônicas que compõem *O Pastel voador*, adotamos uma categorização que nos auxiliou na leitura crítica a partir das teorias da autoficção. Sendo assim, os textos dessa coletânea foram classificados a partir de quatro categorias que respeitam as instâncias narrativas de uma escrita subjetiva: 1) narrativas descritas em “1º pessoa”, contendo ou não a identificação do autor; 2) narrativas referindo-se a uma “3ª pessoa”, com ou sem a identificação da(s) personagem(s); 3) narrativas de episódios “familiares”, destacando a mãe ou outros membros da família e 4) narrativas de episódios “alheios”, envolvendo pessoas da comunidade, de seu convívio diário ou pessoas desconhecidas. Uma vez adotado esse parâmetro de seleção, criamos três outras categorias. A primeira para 1) selecionar as crônicas nas quais a narrativa é a da memória da infância; a segunda para 2) as crônicas que apresentam a digressão temporal e a terceira para 3) narrativas em que o tempo passado não é o da infância.

Mesmo sendo suas crônicas de cunho pessoal – crítico ou reflexivamente subjetivo –, Andreoli de Moraes coloca-se livre do comprometimento estético de uma narrativa memorial, bem como do modelo tradicional da crônica, mesclando uma prática discursiva híbrida que é própria de sua escrita. Em algumas de suas narrativas, a digressão entre os dois tempos é anunciada no diálogo que ele estabelece com o leitor de sua crônica. É o que podemos ler no parágrafo que introduz as crônicas “Estratégica retirada”, “Seu Carruira e o Pangaré” e “A universiade” respectivamente:

Esta também é daquelas histórias velhas. Se você – caro leitor, caríssima leitora – já está com o saco cheio destas antiguidades, pode pular para diante que não vai perder muito. (LAAM, 2009, p.13)

A história que se segue é daquelas que tirei do baú. Além de tudo, já devo ter contado em algum momento alguma parte dela, o fim ou o meio. Sei lá! Se achar isto muito chato, pule esta página, ou procure coisas mais interessantes. Eu avisei. (LAAM, 2009, p.19)

Esta também é daquelas histórias muito velhas. Ela tem, deixa eu fazer as contas, quarenta e quatro anos. É. Além do mais, acho que já contei essa história em algum momento, pelo menos parte dela. Mas não lembro quando, nem como era o texto. Também tenho a impressão de que volta e meia reescrevemos alguma coisa. (LAAM, 2009, p.167).

Kelley B. Duarte, pela leitura de M.Ouellette-Michalska, afirma, em seu verbete “Autoficção”, que sobre o texto autoficcional recai a necessidade de narrar sobre si em uma perspectiva analítica ou crítica, logo, “o terreno da autoficção apostará em uma ambiguidade

do verdadeiro-falso, ou o falso-verdadeiro, no que diz respeito ao texto em que o ‘eu’ é ao mesmo tempo sujeito e objeto da narração” (2010, p.34). Não por acaso, Andreoli de Moraes escreve com alterações no discurso narrativo, adotando a terceira pessoa para marcar o distanciamento e a análise crítica com relação ao eu-do-passado. È assim que começa a crônica “Tu tum tum”:

Era uma vez um menino muito magrinho, menor do que era para ser para sua idade e que não chegava a ser bonitinho, mas era muito simpático e também bonzinho – [...]. A mãe dele era uma senhora gorda, sempre enfiada em vestidos floreados, com grossos braços brancos e com sardas em quase toda a pele exposta mas sem manchas na parte alva e macia que sempre está escondida; [...].(LAAM, 2009, p.171).

São recorrentes, em suas crônicas, as lembranças de pessoas e lugares com os quais ele criou laços afetivos, quando criança. Por isso, nesse livro, o cotidiano também é abordado além do domicílio familiar. O ambiente pode ser externo à casa, em espaços que contribuem para a cristalização dessa memória reconfigurada no texto através de elementos, muitas vezes, sensoriais. Os detalhes, reunidos em um conjunto de percepções, dão detalhes quase precisos dessas recordações. Vejamos na crônica “Suspensão”:

A fumacinha do chá sai branca e apressada e se perde na cozinha enquanto eu aguardo que o ponteiro maior ande. Mas hoje ele não quer andar. São os dias em que o tempo emperra. Ninguém sabe por quê. Perguntei a umas velhas tias se elas sabiam por que é que em certos dias isso acontece. Elas se entreolharam, talvez me achando meio louco, mas depois a mais velha, a que tem a voz rouca e forçada, a pele fininha como massa de pastel de Santa Clara, me disse que ela também não sabe, nunca soube. (LAAM, 2009, p.153).

Outro exemplo está na crônica “Seu Carruíra e o Pangará”. Nela observamos que Andreoli de Moraes não assume a posição de protagonista. No entanto, ele é narrador e coadjuvante na história que recompõe mais uma lembrança da infância. Nesse episódio, os detalhes também são bem precisos:

Seu Carruíra morava numa clareira no mato na colina adiante. Para chegar lá era preciso andar um bocado, primeiro descendo uma lombada tremenda, com pedras soltas e sulcos feios pela água da chuva que descia furiosa. [...] Caminhando, não só eu ia ouvindo o canto dos pássaros e os repentinos revoares, como também ouvia eu próprio pisar no chão de terra cheio de pedrinhas, com as sandálias franciscanas que minha mãe comprava a cada ano, além de sentir o cheiro úmido e o friozinho que saía daquele mato. [...] a casa de Seu Carruíra não estava longe. O seu Carruíra, percebendo o movimento, veio até a porta. Era um velhinho baixinho, cabelo branco, desgrenhado, vestia umas roupinhas velhas, as calças não caíam porque ficavam presas por um suspensório de cordinhas. Seus olhos eram azuis e muito brilhantes. Gostava de me ver porque sabia que eu trazia uns pilas que minha mãe lhe mandava. (LAAM, 2009, p.19-21).

Dentre todas as personagens que ambientam suas memórias da infância, uma delas ganha destaque. Ao longo das crônicas, Andreoli de Moraes deixa transparecer a forte relação

com a mãe, reforçando as teorias psicanalíticas que colocam a mãe como um modelo de representação nas relações afetivas e sociais. A constante referencia à mãe em seus textos indica a importância dessa figura naquela fase de sua vida. Em muitos episódios, é ela quem ganha o destaque do cronista:

Mais ou menos pelas nove da noite, não, era às nove mesmo, o meu pai sentava na poltrona ao lado da eletrola, minha mãe sentava na outra. Eles iam ouvir o Correspondente Renner. Começava a cornetinha anunciando a fala, meu pai ficava atento, minha mãe também. Mas ela continuava fazendo o que vinha fazendo, que comumente era o conserto de alguma roupa, a reforma de outra. As roupas que eu usava eram todas reformadas e era comum que tivessem sido primeiro de minha irmã, depois do meu irmão, depois de minha outra irmã, e quando eu achava que já deveriam ir pro lixo, minha mãe virava a gola, recortava daqui, dali, emendava com uns panos que eu achava horrorosos e me fazia usar aquelas coisas. Quase todos os meus amigos também se vestiam assim, com roupas reformadas e remendadas. Era assim. (LAAM, 2009, p.133).

A narrativa memorial que destaca a mãe simplifica a homenagem de dar a essa figura, não só um lugar de permanência no compartimento da lembrança, mas também um espaço de perenidade no registro textual. Somado ao papel desempenhado por ela, está a representação de um núcleo familiar carregado de afetividade que, lembrado com nostalgia nas crônicas, reflete sobre o adulto Andreoli de Moraes e inspira o escritor.

Considerações

Podemos apreender que, na leitura crítica proposta neste artigo, Andreoli de Moraes cumpre a função social na área da literatura quando leva ao conhecimento do público suas crônicas literárias cotidianas, pois é pela leitura que os leitores estabelecem as ligações com as manifestações socioculturais que lhes separam no tempo e no espaço. Isso porque, suas crônicas autoficcionais, de um modo geral, além de refletirem sobre situações cotidianas atuais, também são condutoras para a expressão da memória de um passado carregado de significados e repleto de curiosidades para o novo leitor. É também com nostalgia que o cronista descreve um tempo com o qual muitos jovens não poderiam se identificar. É o que acontece em “Carrascos”:

Sim, eu presenciei algumas execuções na minha vida. Mas não se preocupem – eu não estava no corredor da morte de nenhuma prisão de filme americano, nem estava junto de nenhum cadafalso, nem mesmo na execução do Tiradentes. As que presenciei eram as execuções das galinhas. Antes do advento dos supermercados e da empacotização de tudo, era comum nas cidades as famílias criarem galinhas para consumo próprio. Não foi diferente com a minha: o galinheiro fornecia ovos para a família – nos períodos de excesso de produção ovípara, eu os vendia na redondeza –

e vários almoços dominicais tiveram no prato principal uma galinha enorme que até ontem cacarejava despreocupada no terreno. (LAAM, 2009, p. 95).

As crônicas de Andreoli de Moraes, o LAAM, promovem a ampliação do conhecimento, pois proporcionam a conjuntura de um universo de informações sobre a humanidade e o mundo, gerando vínculos entre o sujeito de ontem e o autor e o leitor de hoje – todos buscando, nessa ligação, a compreensão de seu papel como sujeito histórico. Nessa estrutura, o escritor ensina, comove e deleita o leitor, através dos relatos simples, porém humanizados de conhecimento de vida.

Zilá Bernd reconhece o recurso da memória como estratégia contemporânea e reconhece ser ela fundamental para que o indivíduo entenda seu presente, olhando seu passado:

No que concerne às questões ligadas ao identitário, seja individual ou coletivo, a Memória é também essencial, pois como afirmar-se como indivíduo ou como cidadão [...] sem conhecer a trajetória de seus ancestrais ou mitos, lendas e narrativas da comunidade em que se está inserido? (2013, p. 25).

As questões associadas à memória constituem-se fundamentais para a humanidade. Por algumas perspectivas teóricas, a memória remonta um passado e é capaz de definir a cultura de uma sociedade e nortear seu modo de viver. A memória em textos biográficos, tais como as crônicas autoficcionais de Andreoli de Moraes, permite que o autor entenda e reconheça-se no presente a partir do olhar para seu passado.

É através de suas crônicas que Andreoli de Moraes registra textualmente sua identidade e eterniza, ao mesmo tempo, a memória familiar e a história cotidiana de sua época. Em grande parte do livro *O pastel voador*, o autor expressa, através da escrita de suas experiências, a necessidade de revisitar lembranças da infância. Nesse procedimento, o cronista confere a marca de auto + ficção a fatos e pessoas reais, sem esquecer que esse ato de ficcionalizar é também o de buscar as faces da realidade.

Envolvido em diferentes episódios, protagonizado ou coadjuvando as histórias ficcionalizadas, a escrita da memória de Luiz Augusto Andreoli de Moraes contribui, sem dúvida, para o registro da identidade do autor. Essas lembranças e memórias escritas apresentam uma valiosa compreensão das marcas que vão delineando e sustentando até mesmo sua trajetória profissional. Suas crônicas permitem ao leitor conhecer quem foi Andreoli de Moraes para, então, perceber e reconhecer quem ele é.

No fechamento dessa reflexão, damos destaque à postura crítica de outro professor, Jorge de Sá (1987), para quem os fatos da infância apontam sempre um caminho e

são esses fatos que deixam marcas decisivas que determinarão certas atitudes do homem adulto.

Referências:

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. **Crônica**: História, Teoria e Prática. São Paulo: Editora Scipione, (1993).

BERND, Zilá. **Por uma estética dos vestígios memoriais**: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. - 1.ed. - Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

CANDIDO, Antônio [et.al.]. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

DE MORAES, Luiz Augusto Andreoli. **O Pastel Voador**. Rio Grande: Editora FURG, 2009.

DE SÁ, Jorge. **A crônica**. 3.ed. – são Paulo, SP: Editora Ática, 1987.

DUARTE, Kelley. “Autoficção”. In: Bernd, Zilá. **Dicionário das mobilidades culturais**: percursos americanos. Porto Alegre : Literalis, 2010.

_____. **Autoficção**: recorrência e aplicação do gênero em narrativas ficcionais brasileiras, submetido aos editais internos e aprovado pelo comitê de extensão. Projeto de pesquisa científica, Editais EPEN/CNPq. Universidade Federal do Rio Grande, 2014- ----.

DOUBROVSKY, Serge. **Fils**. Paris, éditions Galilée, 1977.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1. ed., 15. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009

_____. de Hollanda. **Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

KAKISH, Shereen. **Le personnage-enfant à la recherche de l'utopie féminine**. Mémoire de Maîtrise. Programmes de maîtrise en Littérature Française et québécoise. Faculté des Lettres Université Laval, Québec, 2007.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Nouvelle édition augmentée. Paris: Éd. Du Seuil, 1996.

OUELLETTE-MICHALSKA, Madeleine. **Autofiction et dévoilement de soi** : essai. Montréal: XYZ éditeur, 2007.

DES CHRONIQUES AUTOFICTIONNELLES ET DES TRACES DE MÉMOIRE: L'ENFANCE DANS *O PASTEL VOADOR* (2009)

Resumé

Cet article se propose à montrer des traces de mémoire de l'enfance et des lignes d'une production autofictionnelle chez l'écriture de Luiz Augusto Andreoli de Moraes, écrivain et aussi professeur à l'Université FURG. La référence du *corpus* d'analyse c'est *O pastel voador* (2009), un recueil de chroniques écrites par l'auteur. La lecture critique de cet oeuvre nous permettra d'aborder des théories de l'autofiction et de montrer que cette nouvelle tendance contemporaine d'écriture du "moi" est au-delà d'une évolution du classique modèle autobiographique. Il s'agit d'un nouveau genre littéraire qui permet d'apporter au lecteur des récits de mémoire fragmentés, tous dans un style différent de celui de la prose – la forme textuelle que Philippe Lejeune considère être la seule capable de donner compte d'un récit en rétrospectif. L'autofiction essaie, donc, d'être l'écriture du moi et de l'autre, puisqu'elle recompose des fragments d'histoires du "moi" qui s'inscrivent auprès des histoires d'autrui, soient de ses proches soient des autres. La méthodologie appliquée a été celle de la recherche bibliographique et de la lecture critique d'oeuvres sélectionnées à la lumière des théories de l'autofiction et des traces de mémoire.

Mots clés

Enfance. Chroniques. Autofiction.